

GALLOIS, Dominique Tilkin & MACEDO, Valéria. *Nas redes Guarani: Saberes, traduções e transformações*. Ed. Hedra, 2018.

Fernanda Borges Henrique¹ e Thomaz Marcondes Garcia Pedro²

O livro organizado por Dominique T. Gallois e Valéria Macedo é uma reunião de textos de pesquisadores, tanto guarani quanto não indígenas, resultado do simpósio *CESTA nas Redes Guarani*, realizado pelo CESTA, Centro de Estudos Ameríndios da Universidade de São Paulo, em outubro de 2013. Coordenado pelas organizadoras do livro, o simpósio reuniu professores, cineastas e líderes guarani, assim como antropólogos vinculados ao Centro de Estudos e pesquisadores de outras instituições que trabalham com populações guarani. Inspiradas no conceito guarani de “alegria” ou vy’a, em que as relações são potências que aumentam a capacidade de agir dos corpos, manifestando o fortalecimento da capacidade de pensar, expressar e experimentar, as organizadoras classificaram o evento como um “alegre encontro”. Naquele momento, havia uma ampla mobilização indígena diante da Proposta de Emenda Constitucional (PEC 215) que acabava de entrar na pauta de votação do Congresso Nacional brasileiro com o fim de designar ao Poder Legislativo a competência exclusiva diante do processo de reconhecimento e demarcação das Terras Indígenas. Se a proposta, que ainda tramita no Congresso Nacional, fosse aprovada, o direito originário dos povos indígenas às terras que dão possibilidade às suas vidas dependeria do jogo de interesses do Congresso, sobretudo da bancada ruralista. Por isso, os Guarani se encontravam em intensa mobilização por seus direitos, constituindo a Comissão Yvyrupa, que reunia os Guarani da região Sul e Sudeste do país na luta por demanda territorial, tema amplamente debatido em diversos textos de *Nas redes Guarani: Saberes, traduções e transformações*.

Os textos encontrados nessa coletânea, como bem apresentam as organizadoras, se voltam para redes guarani de pessoas, lugares e práticas de conhecimento. Ainda na apresentação da obra, Gallois e Macedo nos lembram que *Guarani* é uma designação que não compreende toda multiplicidade de coletivos e seus infinitos caminhos de transformação, o que compõe redes em que figuram muitos nomes: Mbya, Ava, Nhandeva, Xiripi, Tupi, Tupi Guarani, Kaiowa, Pai Tavyterã e muitos outros. Apesar de tamanha diversidade, marcada por singularidades históricas, linguísticas e de conhecimento, as redes podem ser encontradas entre esses povos, ao mesmo tempo em que

1 Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

2 Doutorando pelo programa interdisciplinar DIVERSITAS da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).





demonstram conexões entre elas, reconhecidas em diferentes espaços e tempos, desde antes da colonização europeia, em um vasto território que entrecruza o Paraguai, a Argentina, o Uruguai, a Bolívia e o Brasil. Ainda, com a metáfora complementar da caminhada, amplamente explorada na etnografia guarani (CLASTRES, 1978; CICCARONE, 2001; LADEIRA, 2007; PISSOLATO, 2007; TESTA, 2014; entre tantos outros), o livro organizado por Gallois e Macedo pretende caminhar com os guarani, seguindo as múltiplas conexões de pessoas e conhecimentos, sem buscar uma fronteira ou uma unidade entre elas, situando-se nas linhas que se cruzam nos caminhos e nas experiências e, por isso, às redes as organizadoras deram o nome Guarani e não aos grupos em si.

Mesmo que vários textos se relacionem facilmente, o livro está organizado em cinco eixos temáticos. O primeiro deles, “Movimentos pela terra, andanças entre mundos”, congrega textos de: Marcos Tupã, coordenador na Comissão Yvyrupa; Daniel C. Pierri, mestre em antropologia pela USP e membro do Centro de Trabalho Indigenista (CTI); Spensy Pimentel, professor de Antropologia na Universidade Federal da Bahia; e Tônico Benites, doutor em Antropologia pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Já nessa primeira seção, sabemos que a obra pretende não só trazer pesquisadores, antropólogos e autores guarani para suas páginas: sobretudo, objetiva colocar em diálogo os temas, as pessoas e seus conhecimentos, se incluindo também como parte da rede. Nesse sentido, buscando reunir textos que se insiram no debate das lutas pela terra e a relação com território, somos apresentados aos múltiplos mundos e agências que compõem uma cosmopolítica complexa, que ultrapassa as relações com o Estado e os brancos. Os textos, por sua vez, se complementam e com eles o leitor inicia sua caminhada por entre as redes guarani.

O texto de Marcos Tupã, importante liderança da Comissão Yvyrupa, retoma a trajetória da criação da comissão, que busca unificar a luta política de diferentes grupos Guarani. Na sequência, a coletânea inclui o texto/manifesto desse autor que circulou publicamente depois da intervenção feita na estátua do Monumentos às Bandeiras, de Victor Brecheret, no Parque do Ibirapuera ao final de uma manifestação feita pelos Guarani na cidade de São Paulo. A tinta vermelha manchou as estátuas de pedra de um sangue simbólico, em referência ao violento processo de colonização imposto pelos Bandeirantes, ao mesmo tempo, dando vida ao monumento de pedra. Marcos Tupã afirma que para os povos indígenas, a pintura “não é uma agressão ao corpo, mas uma forma de transformá-lo” (TUPÃ, 2018: 31), e que nesse processo o monumento “deixou de ser um monumento em homenagem aos genocidas que dizimaram nosso povo e transformou-se em um monumento à nossa resistência” (Op. cit.: 32).

O segundo eixo temático ganha o nome de “Caminhos e Conhecimentos” e trata das diversas práticas de saberes e transmissão de conhecimento guarani. A seção conta com textos de Algemiro Karai Mirim que, a partir da sua experiência como professor licenciado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos apresenta como as metodologias *jurua* podem ser contrastantes quando um guarani se propõe a desenvolver uma pesquisa científica dentro de sua própria aldeia. Jera Poty Mirĩ, também a partir de sua experiência como professora na escola da aldeia

Tenonde Porã, em São Paulo/SP, nos mostra como é possível o fortalecimento da circulação de saberes que ultrapassam a própria estrutura da escola, como foi o caso do “despertar dos *Xondaro*”, mesmo diante da constante presença de produtos e objetos *jurua* nos espaços da aldeia, sobretudo na escola. Ainda, a professora guarani faz uma importante análise sobre as limitações da educação que propõe uma ideia de padronização educacional, o que é completamente rejeitado pelas pessoas da Tenonde Porã. Nesta seção também encontramos o texto de Alice Haibara, doutora em antropologia pela USP, que dialoga diretamente com os processos de aprendizagem das crianças guarani mbya na aldeia de Tenonde Porã. Assim, de maneira complementar aos textos anteriores, sobretudo ao texto de Jera Poty Mirĩ, a autora traz que a circulação de saberes e conhecimento entre as crianças da aldeia se dá para muito além da escola, em diferentes lugares e momentos. Há ainda o texto de Adriana Testa, pesquisadora de pós-doutorado do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena da Unicamp, que, encerrando esse eixo temático do livro, mostra as implicações diretas entre a construção de pessoas e a circulação de saberes a partir de contextos em aldeias mbya do Sul e Sudeste do país.

Já a terceira seção do livro, “Conexões, alteridades, alterações” conta com textos que debatem as relações que constroem e transformam pessoas. A contribuição de Ana María Ramo y Affonso aponta para como as relações de parentesco são resultado também de movimentos de aproximação e afastamento operados pela circulação de palavras, pessoas e de objetos. O trabalho realizado junto aos Guarani Mbya da aldeia Araponga (Paraty/RJ) mostra como movimentos de aproximação – alimentar, seduzir e alegrar – ou de afastamento – tristeza, doença e morte – podem se dar tanto entre humanos quanto entre não humanos. O texto seguinte está em franco diálogo com o anterior, já que trata também da questão de parentesco, mas enfocando o papel das emoções. Assumindo uma postura reflexiva, Elizabeth Pissolato, docente na área de antropologia na Universidade Federal de Juiz de Fora, enxerga o trabalho de campo antropológico como sendo afetado pelas emoções nas relações que estabelece, para depois compreender como os estados emocionais fazem parte da construção de parentesco entre os *mbya*. A experiência física e emocional de *vy’a* ou “ficar alegre” quando se canta e dança na casa de rezas é, por exemplo, um dos articuladores das formas de construir relações entre pessoas. Fabio Nogueira da Silva, doutor em Antropologia Social pela USP, traça um paralelo entre o reconhecimento das áreas de ocupação de diferentes grupos Guarani com a formação das redes de parentesco e circulação de bens materiais e simbólicos entre diferentes *tekoha* (“aldeias”). Tendo como campo a T.I. Jaraguá (São Paulo/SP), o autor aponta para como a busca por novas ocupações de espaço e formação de aldeia são resultados de uma comunicação com humanos e não humanos.

Valéria Macedo, docente na área de antropologia na Universidade Federal de São Paulo, é a autora do texto seguinte. Ela parte da categoria de predação para buscar compreender quais são as formas de relação que os Guarani estabelecem com os *jurua*. Ela compreende que essa relação se estabelece não como a de incorporar ou ser incorporado pelo outro, mas na base da troca e da colaboração. Acreditamos que essa coletânea de textos seja um ótimo exemplo desse





tipo de construção feita em rede e em parceria e retomaremos esse argumento mais adiante. No último texto da sessão, Renato Sztutman, professor no Departamento de Antropologia da USP, parte do encontro de Pierre e Hélène Clastres com os Guarani, retomando as discussões elaboradas pelos dois autores a respeito da metafísica Guarani. Esse encontro é mediado pelos *karai* ou *tamõi* (“sábios” ou “profetas”), que são os articulares dos discursos e os “donos” das palavras. O autor aponta para como a linguagem desses profetas funciona como uma *tecnologia do devir*, estabelecendo uma ligação entre humanos e o universo divino.

A quarta sessão do livro, “Tecnologia, Circulação e Transformação”, trata das relações criadas a partir do uso da câmera e de outras mídias. A sessão aponta para a multiplicidade de cineastas e para os diferentes modos de fazer cinema Guarani. Reforça também a ideia de que a “indigenização” das mídias e tecnologias de comunicação são um aspecto central dos modos de vida dos Guarani. Uma parte dos textos presente nessa sessão é resultado da exibição de filmes de diretores Guarani na ocasião do simpósio e, nesse sentido, reforça a prática audiovisual como uma forma de construir conhecimento. O primeiro texto é do cineasta Guarani Ariel Ortega, Kuaray Poty, em que ele reflete sobre a sua trajetória como realizador e a importância de fazer cinema no modo Guarani. O texto retoma os caminhos para a produção do filme *Tava, A Casa de Pedra* (2012, direção de P. Ferreira, A. Ortega, V. Carelli, E. Carvalho). O texto seguinte é do cineasta pioneiro Papa Miri Poty, Carlos Fernandes, e reflete sobre fazer filmes de ficção e a possibilidade de se criar histórias e narrativas indígenas, partindo de sua experiência como diretor do filme *Manoá – A lenda das queixadas* (2000, direção de J. Mendes e C. Papá). Na sequência, Alexandre Wera e Lucas Keese tratam da importância da autonomia indígenas na produção de filmes. Chamam a atenção para a importância do processo de montagem e como o conhecimento e apropriação dessa etapa contribui para a própria compreensão e criação da linguagem audiovisual. O texto de Tatiane Klein apresenta a Ascuri, a Associação Cultural de Realizadores Indígenas do Mato Grosso do Sul, um coletivo que produz e reflete sobre cinema e novas mídias. Partindo de uma experiência etnográfica do encontro (e desencontro) entre a Ascuri e um grupo de realizadores Maori, Klein reflete sobre as diferentes aproximações e modos de fazer vídeos indígenas. Maria Inês Ladeira busca, por sua vez, aproximar as novas tecnologias de comunicação com uma noção própria de comunicação Guarani. A autora percebe que a circulação das notícias cotidianas, como informações de parentes distantes, mantém ainda mecanismos próprios, que podem estar ligados a uma forma de ter acesso a divindades – através da escuta atenta, do sonho, e de premonições, por exemplo –, e esse tipo de comunicação pode interagir como novas tecnologias.

A quinta e última seção, “Nas aldeias e entre aldeias”, tem como eixo de análise as redes de pessoas, parentes e coletivos formadas a partir de um tema já conhecido na etnografia guarani, a saber, a mobilidade. No artigo que abre esta seção, Levi Marques Pereira, docente na Universidade Federal de Grande Dourados, busca descrever e identificar formas de mobilidade entre os Kaiowa e Guarani de Mato Grosso do Sul, considerando suas estratégias usadas para produzirem seus territórios da forma como querem e desejam viver, em oposição ao modelo imposto pelo Estado

brasileiro, que o autor chama de “circunstâncias históricas atuais”. Em seguida, Diogo de Oliveira, mestre em antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Indigenista Especializado na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), propõe mapear redes e coletivos guarani através da narrativa de seus interlocutores. Assim, o autor consegue esboçar quais grupos, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, são reconhecidos e se reconhecem como Mbya, Xiripa, Nhadeva e Ava. Já no artigo de Lígia Almeida, doutora em antropologia social pela USP, Amanda Danaga, doutora em antropologia social pela Universidade Federal de São Carlos, e Camila Mainardi, também doutora em antropologia social pela USP, apresentam três diferentes contextos etnográficos, sendo dois no litoral de São Paulo e um deles no Oeste do estado. Apesar dos diferentes contextos, as autoras colocam a autodenominação Tupi Guarani como um eixo que cruza esses três cenários, para demonstrar que “ser Tupi Guarani” é uma condição construída nas aldeias, tratando de uma gama de possibilidades e não como algo dado em si mesmo.

Seguindo para o fim do livro, somos convidados por Rafael Fernandes Mendes Júnior, doutor em antropologia social pelo Museu Nacional/UFRJ, a caminhar com o parentesco guarani para o Norte do Brasil, na tentativa de compreender como os Mbya Guarani da Terra Indígena Nova Jacundá, no estado do Pará, continuam a se reproduzir socialmente em um contexto onde as possibilidades matrimoniais são escassas. As famílias com as quais somos convidados a seguir, partiram do Paraguai rumando ao Brasil, precisamente para o Centro-Oeste do país, na década de 1960. De lá, como mostra o autor, deslocaram-se até os estados de Tocantins, Maranhão e Pará. O autor tenta elucidar as motivações, sejam elas míticas, históricas ou de parentesco, que moveram essa caminhada que cruzou o país e como hoje os Mbya de Nova Jacundá continuam construindo seus territórios, parentes e afins.

A rede de relações que compõem esse livro foi feita a partir de uma costura que tem no tempo e na longevidade um dos aspectos centrais. Algumas das relações entre indígenas e pesquisadores que participam desse trabalho começaram a se formar nos anos 80. Além da construção com base no passado, a rede também aponta para desdobramentos no futuro, já que continua a produzir encontros. O simpósio de 2013 que deu origem a essa publicação se desdobrou em outros eventos, como o *I Seminário Internacional Etnologia Guarani: diálogos e contribuições*, realizado em 2016, na Universidade Federal da Grande Dourados, no Mato Grosso. Uma segunda edição deste seminário voltou a acontecer em 2019 na Universidade de São Paulo, ambos com a presença de boa parte dos autores que compõem a coletânea, assim como de novos participantes. Os textos que compõem esse livro são, em boa parte, alguns dos resultados já mais acabados, mas a rede está em constante construção e acreditamos que outros pontos de contato devem ser feitos a partir dessa parceria. O livro é, portanto, o resultado de uma complexa trama que se estende no tempo.

Uma das principais características dessa colaboração, ao nosso ver, é a possibilidade de que os Guarani assumam o protagonismo em relação à produção de conhecimento que envolve suas comunidades e modos de vida. Nesse sentido, como pontuado pelas organizadoras logo na apresentação da obra, o livro situa-se em um momento “em que antropólogos também se colocam





como parceiros nas lutas pela terra, pelo direito à diferença e pela potência reflexiva que ela promove” (MACEDO & GALLOIS, 2018: 12). *Nas redes Guarani* é portanto resultado de relações de confiança e parcerias construídas no campo e na luta, e da emergência de evidências etnográficas que, para lembrar o “pacto etnográfico” de Bruce Albert e Davi Kopenawa (2015) ou mesmo o “efeito etnográfico” de Marilyn Strathern (2017), são tributárias das relações que antropólogas e antropólogos constroem com seus interlocutores.

O caminho da colaboração, que busca construir esse conhecimento *junto aos*, ao invés de *sobre os* povos com quem se trabalha, se contrapõe a outros processos de pesquisa que veem os interlocutores como objetos e criam uma distância entre o conhecimento produzido e essas pessoas. Essa tarefa remonta a outros projetos como a proposta de uma “antropologia compartilhada” de Jean Rouch na produção audiovisual e que tem sido transportada para outras formas de colaboração (HIKIJI, 2003; ROUCH, 2003). Além disso, esses trabalhos apontam para a necessidade de considerarmos outras formas de conhecimento, como as falas e cantos – ou as “formas expressivas da palavra” como coloca Sztutman (2018) –, a dança e o cinema, como tão importantes quanto o conhecimento acadêmico institucionalizado. Nesse sentido, essa proposta se encontra com a de uma produção partilhada do conhecimento (BAIRON E LAZANEO, 2012) proposição que visa ressignificar o lugar das partes envolvidas em pesquisas científicas, retirando do lugar de sujeitos-objetos e recolocando enquanto sujeitos-autores inseridos ativamente no processo de produção do conhecimento. É importante ainda cuidar para que a categoria *colaboração* não seja empregada como um termo da moda e se torne ela mesma um novo processo de colonização. Estar atento para os paradoxos que surgem desse tipo de colaboração, aos desníveis e desigualdades que ela evidencia nas relações, é um caminho importante que essa coletânea se preocupa em fazer.

Valéria Macedo, no texto que integra a coletânea, ao olhar para a forma com que os Guarani se relacionam com o *jurua*, lembra que os antropólogos aprenderam com os indígenas como a “caça e a predação podem ser importante referência para pensar outras relações pautadas pela diferença” (MACEDO, 2018: 189). A autora retoma o argumento de outras duas etnografias que buscam compreender a relação entre indígenas e não indígenas na chave da predação. Para os Xikrin, o consumo de mercadorias dos brancos funciona como uma forma de predação para incorporar as suas capacidades (GORDON, 2006). Já para os Paumari, os brancos são fonte de perigo e para lidar com a voracidade de predação destes é necessário que os indígenas se sujeitem à domesticação. A autora propõe então que, entre os Guarani Mbya, essa relação de predação com os não indígenas se dá de uma terceira forma, que não seja a de presa nem tampouco a de predador. Para os Guarani “o desafio é não se deixar capturar, promovendo capturas parciais e circulando nas redes sem ser enredado” (MACEDO, 2018: 192). Eles se tornam agentes da relação com os brancos privilegiando formas não estáveis de vínculos, como por exemplo o comércio e outras formas de troca. Podemos acrescentar que a aliança, partilha ou a colaboração seja uma dessas formas de se relacionar com o outro. Nesse sentido, acreditamos que a proposta da coletânea segue esse formato de negociação propriamente Guarani. O resultado mais aparente dessa rede é então

o livro, o *kuaxia*, termo Guarani para “pedaço de papel para escrever”, mas que é compreendido também como a expressão de pensamento e um instrumento de predação dos *jurua*. A noção Guarani de rede, de quem circula por ela mas não se deixa capturar, nos lembra o que escreveu João Guimarães Rosa, no livro *Tutaméia*, sobre o que é uma rede da perspectiva de um peixe³. Do ponto de vista do peixe a rede é “uma porção de buracos, amarrados com barbante...”

Referências Bibliográficas

ALBERT, Bruce. “Postscriptum: Quando eu é um outro (e vice-versa)”. In: KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

BAIRON, Sergio; LAZANEO, C. S. *Produção Partilhada do Conhecimento: Do filme à Hipermídia*. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, CE, 2012 Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1354-1.pdf> Acesso em 20 de Maio 2019.

CICCARONE, Celeste. *Drama e sensibilidade: migração, xamanismo e mulheres mbya guarani*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - PEPG, PUC, São Paulo, SP, 2001

CLASTRES, Hélène. *A terra sem mal - o profetismo tupi-guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

GORDON, Cesar. *Economia Selvagem. Ritual E Mercadoria Entre Os Índios Xikrin-Mebêngôkre*. São Paulo: Editora Unesp/Isa/Nuti, 2005.

HIKIJ, Rose Satiko G. “Rouch compartilhado: Premonições e provocações para um antropologia contemporânea”. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.14, n.32, p.113-122, jan./jun. 2013.

LADEIRA, Maria Inês. *O caminhar sob a luz: território mbya à beira do oceano*. Editora UNESP, São Paulo: FAPESP, 2007.

PIERRI, Daniel Calazans. *O perecível e o imperecível: Reflexões guarani Mbya sobre a existência*. São Paulo : Editora Elefante, 2018.

PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo Mbya (Guarani)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

³ Agradecemos à Professora Doutora Marília Librandi que estabeleceu essa relação durante a aula “O Lugar das Redes” do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos, e Outras Legitimidades do Núcleo Interdisciplinar DIVERSITAS da Universidade de São Paulo.





ROUCH, Jean. “The camera and Man”. In: *Ciné-Etnograph / Jean Rouch*. Mineapolis, Estados Unidos: The University of Minnesota Press, 2003.

STRATHER, Marilyn. “O efeito etnográfico”. In: _____. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Tradução: Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Ubu Editora, p. 311-410, 2017.

TESTA, Adriana Queiroz. *Caminhos de saberes Guarani mbya: modos de criar, crescer e comunicar*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), PPGAS, USP, São Paulo, SP, 2014.